

**FACULDADES INTEGRADAS SANTA CRUZ DE CURITIBA – FARESC
IN LITTERAS – REVISTA DOS CURSOS DE LETRAS E PEDAGOGIA**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: O QUE É CERTO (ADEQUADO) E O QUE É ERRADO
(INADEQUADO) NA LÍNGUA PORTUGUESA**

SILVA, Mônica Regina Sincero da¹

Orientador: ANDRADE, Valter Zotto de²

RESUMO

Este trabalho visa fazer uma abordagem sobre a variação linguística na língua portuguesa e oferecer um tratamento coerente e integral da heterogeneidade do português falado não somente no Brasil, mas em todas as comunidades lusófonas ao redor do mundo. Mesmo sabendo que somos milhões de falantes da língua portuguesa pelo mundo, muitos estudiosos insistem em dizer que a língua portuguesa é homogênea, que não existem variações e que existe uma normatização da língua no território nacional. Tentaremos desmistificar este fato. Para tal, contaremos com a obra de Rodolfo Ilari e Renato Basso que nos traz reflexões sobre o tema. Contaremos com as obras de Carlos Alberto Faraco sobre o círculo de Bakhtin e também de Faraco e de Ana Maria Zilles, uma abordagem sobre a pedagogia da variação. Com essas reflexões pretendemos mostrar que é, de fato, um erro afirmar essa heterogenia na língua portuguesa. Desde o latim, raiz do nosso português, a língua vem sofrendo influências de muitas outras línguas. As colonizações ao redor do mundo são provas, mais que concretas, que não só a língua portuguesa, mas qualquer outra língua não é homogênea. Temos muitas influências, interna e externamente falando. Mesmo dentro do nosso país trazemos conosco bagagens culturais e regionais que nos difere de outros falares e é partindo desses pressupostos que tentaremos esclarecer algumas dúvidas.

Palavras-chave: Variação. Língua. Português. Pedagogia.

1 INTRODUÇÃO

Somos mais de 200 milhões de falantes de português só no território brasileiro. Quase 300 milhões de pessoas em todo o mundo segundo o Instituto Internacional da Língua Portuguesa. Mesmo com todo esse pessoal falando português, alguns estudiosos do assunto afirmam que a língua portuguesa é uniforme, que não sofre mudanças, que todos falamos a

¹ Graduada em Letras pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

² Doutorando em Língua Portuguesa, pela PUCSP. Mestre em Comunicação e Linguagens, pela Universidade Tuiuti do Paraná. Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa, pela UFPR. Especialista em Metodologia do Ensino de Primeiro Grau, pelas Faculdades Positivo. Graduado em Letras, pela Universidade Tuiuti do Paraná. Professor do curso de Letras das Faculdades Santa Cruz de Curitiba.

mesma língua. É possível? Será que todas as influências e interferências externas não trazem elementos particulares a cada falante? Será que a distância que separa os falantes de português ao redor do mundo não faz com que cada comunidade interprete e acrescente particularidades, peculiaridades de sua cultura fazendo de sua língua única? Tomamos como exemplo nosso país, o Brasil é um imenso território, temos aqui um multiculturalismo incrível, de norte a sul muda-se o clima, a comida, a cultura e a maneira de comunicar-se de cada região. Nem precisamos sair do nosso próprio país para percebermos que falamos de formas diferentes, basta observarmos um pouco para entender que a língua não é uniforme, embora, muitos escritores, linguistas e historiadores afirmam ser. A variação existe e o português que falamos no território brasileiro não mantém essa uniformidade. A maneira que falamos sofre variações sob muitos aspectos e manifestam-se de várias formas.

Neste artigo abordaremos as principais variações possíveis que a língua possa sofrer. Recorreremos ao trabalho de Ilari e Basso, “O português da Gente” (2007, p.151), cujas reflexões se inserem perfeitamente no contexto. Lançaremos mão da obra de Bakhtin, autor cujas reflexões em uma perspectiva sócio histórica e dialógica, “representam uma espécie de bom-senso em relação à concepção de linguagem”.

O estudo que faremos aqui se justifica pela importância de se conhecer e de reconhecer não apenas a forma que nos é apresentada, ao que se refere à maneira que nos comunicamos, mas também, uma forma de reflexão sobre a língua.

Carlos Alberto Faraco, no livro “Pedagogia da Variação Linguística”, faz uma crítica sobre aspectos da realidade e história sociolinguística do português do Brasil, o destaque é o problema da chamada norma culta em relação ao ensino da língua.

Em relação à variação linguística é importante lembrar que a língua sofre, constantemente, interferências ou interações entre linguagens marginais. Há em cada grupo de falantes uma maneira peculiar de comunicação. No convívio nos transportes, nos locais de trabalho, em casa com a família, com os amigos, etc. Enfim, a variação linguística é um assunto vasto. Partiremos do pressuposto que todas essas mudanças que ocorrem na fala são manifestações normais e procuraremos mostrar que a ideia de uniformidade é um mito, pois podemos observar que os falantes vão, na verdade, se adaptando às diferentes formas de utilizar-se da língua em seu dia a dia.

Ana Maria Stahl Zilles, organizadora da obra “Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul”, traz questões que corroboram a afirmação da não uniformidade. Esta coletânea de artigos nos trará temas e tendência do estudo da variação, como por exemplo, a questão da crioulização da língua no português do Brasil, a dialetologia e o plurilinguismo.

2 ENTENDENDO A LÍNGUA PORTUGUESA

A língua portuguesa passou por várias transformações para chegar até o que conhecemos hoje como português. Derivado do latim, língua da civilização que teve como centro a Roma Antiga. O latim é uma antiga língua indo-europeia originalmente falada no Lácio, uma região da Itália. Foi a língua oficial da República de Roma durante o Império Romano. Tornou-se popular entre filósofos e acadêmicos. Hoje o latim é a língua oficial da Cidade do Vaticano e do Rito Romano da Igreja Católica.

Vista, por muitos, como uma língua ultrapassada ou, como muitos a chamam, língua morta, o latim deu origem à várias línguas que conhecemos hoje, inclusive nossa língua portuguesa. O latim contribuiu para a formação cultural de diversos povos e quase caiu no esquecimento. Quando dizemos esquecimento nos referimos a um esquecimento inconsciente pois, basta darmos uma olhada, mais atenta, para percebermos que ainda hoje usamos muitas palavras latinas em nosso dia a dia e nem percebemos.

A desestruturação do Império Romano, o fim do Império Romano do Ocidente e o enfraquecimento da tradição escrita impediram que se mantivesse a antiga unidade do latim. Intensificou-se então, entre os séculos V e X uma diferenciação linguística e uma crescente dialetação do latim. Elementos de fundamental importância para a transformação do latim nas línguas neolatinas.

As línguas neolatinas disseminadas e mais influentes são: o português, o galego, o espanhol, o catalão, o francês, o provençal, o italiano e o romeno.

A transformação do latim nas línguas neolatinas foi um processo lento, em um dado momento, a língua latina já não tinha sua identidade completa, começou a se delinear de forma intermediária, o latim já não era o mesmo latim, mesmo conservando características latinas. Denominou-se, nesse momento, um romance, um falar à maneira românica e no fim do Império Romano (século V d. C) foi considerado uma espécie de proto – romance, base de todas as línguas neolatinas.

Muitas das línguas criadas a partir do latim tiveram uma vida breve mas, muitas delas, ao longo dos séculos, se desenvolveram, ganharam morfologia e sintáticas próprias e se tornaram, em muitos casos, línguas oficiais de Estados Modernos independentes.

3 AS INFLUÊNCIAS EXTERNAS PODEM MODIFICAR TODA UMA COMUNIDADE FALANTE

Neste breve resumo acerca da formação da língua portuguesa podemos perceber que foi percorrido um longo caminho até que ela chegasse ao que conhecemos hoje como português aqui no Brasil. Acrescentamos a isto todo o peso da nossa colonização, as influências indígenas, que muitos estudiosos negam, mas que são visíveis culturalmente, as influências africanas, europeias entre tantas outras que ajudaram na construção não só do país, mas também da língua que falamos.

Olhando para o passado vemos que nossa língua carrega consigo um aglomerado de influências deixadas por nossos colonizadores portugueses, pelas populações indígenas, os escravos africanos e de todos outros povos que forjaram o que conhecemos como português.

3.1 AS VARIAÇÕES DA LÍNGUA

Rodolfo Ilari e Renato Basso (2007) em seu livro “O português da gente”, partem do pressuposto que a língua não é uniforme e afirmam que a variação é um fenômeno normal e nos leva às várias formas de variações que podemos encontrar. Vamos a elas: Variação diacrônica; diatópica; diastrática; diamésica.

Os autores trazem estes conceitos para enfatizar que a língua pode variar de diversas formas. Podemos encontrar estas variações analisando a passagem do tempo, por exemplo, a forma que nossos avós falavam, mesmo sendo a mesma língua, não é exatamente da mesma forma que falamos. De lá pra cá surgiram palavras novas, expressões e gírias diferentes. Algumas que se atualizaram, outras que entraram em desuso.

Pode haver variação entre os falares de pessoas que moram em regiões diferentes, a comparar as variedades de português faladas em Portugal (Europa), Angola (África), Macau (Ásia), etc.

Encontramos variação linguística em pessoas com níveis diferentes de escolaridade e pode até ocorrer com o mesmo indivíduo, dependendo do ambiente que se encontra utilizar-se da variável que é mais pertinente ao momento. Podemos encontrar todo tipo de variação linguística, em diversos contextos é possível observar que cada indivíduo traz consigo uma ou mais formas de variar a mesma língua.

A variação é um fato, se todos variamos, de alguma forma nosso português por que não há reconhecimento dessas variações por um grande número de educadores que ainda insistem em ensinar a norma culta, nas escolas, não levando em conta a bagagem dialetal que cada um traz consigo?

Faraco (2008) discute a questão da norma linguística, dos conceitos de variedade padrão e variedades cultas da língua. Propõe que seja desenvolvido um ensino da variação a

partir do reconhecimento dos usos dos falantes. Afirma ser necessário desconstruir pensamentos equivocados no trabalho com a linguagem. Ele analisa:

Raramente os livros didáticos tratam da variação social, isto é, dos contrastes, conflitos aproximações e distanciamentos entre as variedades do português chamado popular (a norma popular) e as variedades do português chamado culto (a norma culta/comum/standard) (FARACO, 2008)

Neste trecho, Faraco claramente faz uma crítica em relação ao contexto escolar brasileiro sobre a discriminação da variação linguística que cada aluno traz consigo. Faraco designa ao professor a tarefa de reconhecer na linguagem esse instrumento de libertação tão importante que é a competência linguística do aluno e ampliá-las. A variação linguística que cada um traz é uma importante aquisição já consolidada, é preciso conservá-la e não negá-la.

Paulo Freire (2011, p. 67), chamado à luta contra a ideologia dominante que rejeita a pedagogia da reprodução adverte:

Dialeticamente, há, no entanto, outra tarefa a ser cumprida, qual seja a de denunciar e de atuar contra a tarefa de reproduzir a ideologia dominante. De quem é essa segunda tarefa de denunciar a ideologia dominante? É do professor, cujo sonho político é a favor da libertação. Essa segunda tarefa não pode se proposta pela classe dominante. Deve ser cumprida por aqueles que sonham com a reinvenção da sociedade, a recriação ou reconstrução da sociedade.

Não deveria ser algo novo abordar variação linguística na escola, mas observamos que nas mais tradicionais, os professores que seguem uma linha mais conservadora do ensino, preferem lançar mão do uso da gramática fazendo dela o único instrumento de ensino da língua.

Não que a gramática não seja uma ferramenta adequada para o uso em sala de aula, mas não deve ser a única opção. Professores que se prendem, exclusivamente, às gramáticas normativas tendem a não aceitar conceitos que fogem a esse padrão normativo e passam a considerar que o que não está descrito ali está errado.

A normatização do português, a ideia que é preciso saber gramática para saber a língua portuguesa, é uma das abordagens feita por Marcos Bagno em seu livro “Preconceito Linguístico”. Bagno tenta desmentir vários mitos criados acerca da língua portuguesa para que entendamos exatamente o que estamos tentando mostrar neste trabalho. Que a língua não é fixa, que não falamos da mesma maneira, e que, principalmente precisamos respeitar as variações que a língua apresenta. O português é falado de muitas maneiras, mas ainda sim é língua portuguesa.

O que existe, de fato, é um profundo e entranhado preconceito social. Se discriminar alguém por ser negro, índio, pobre, nordestino, mulher, deficiente físico,

homossexual, etc. já começa a ser considerado —publicamente inaceitável (o que não significa que essas discriminações tenham deixado de existir) e —politicamente incorreto! [...], fazer essa mesma discriminação com base na forma de falar da pessoa é algo que passa com muita —naturalidadel, e a acusação de —falar tudo errado!, —atropelar a gramátical ou — não saber português! pode ser proferida por gente de todos os espectros ideológicos [...] (BAGNO, 2015, p. 16)

3.2 AS VARIAÇÕES PRESENTES NA LÍNGUA GERAM PRECONCEITO

Seguindo as ideias de Bagno em seu livro “Preconceito Linguístico” abordaremos, nesta parte do trabalho, alguns mitos sobre a uniformidade do português e uma certa obrigatoriedade que nós, falantes da língua, temos que é saber, perfeitamente, nosso idioma. Se nascemos falantes de língua portuguesa por que não falamos da mesma forma? Se na escola aprendemos a norma culta, por que poucos de nós falam seguindo as regras da gramática normativa? O que está errado?

Esse é, sem dúvida, um dos maiores mitos no aprendizado de uma língua: “tem que saber a gramática pra aprender língua portuguesa”. Durante muitos anos o ensino de língua portuguesa foi totalmente pautado no estudo da gramática. O aluno quando chegava em seu ambiente escolar era quase que obrigado “deixar do lado de fora” a bagagem linguística que trazia consigo. Não era considerado seu conhecimento prévio sobre o português. Suas variações linguísticas eram tachadas como errada e ali na escola iria aprender a forma correta de falar a língua portuguesa.

Durante anos, aula após aula, o professor passava as regras e normas de um português que só existia nos livros, dicionários e gramática. Com esse ensino totalmente baseado na estrutura, não se preocupando com o uso na prática, muitos de nós saímos da escola pensando não ter aprendido língua portuguesa, tendo a sensação que nossa língua é muito difícil e para ser falada por poucos.

Mário Perini chama a atenção para a “propaganda enganosa” contida no mito de que é preciso ensinar gramática para aprimorar o desempenho linguístico dos alunos:

Quando justificamos o ensino de gramática dizendo que é para que os alunos venham a escrever (ou ler, ou falar) melhor, estamos prometendo uma mercadoria que não podemos entregar. Os alunos percebem isso com bastante clareza, embora talvez não o possam explicitar; e esse é um dos fatores do descrédito da disciplina entre eles. (PERINI, p. 63)

E Sirio Possenti, já citado, lembra-nos que as primeiras gramáticas do Ocidente, as gregas, só foram elaboradas no século II a. C, mas que muito antes disso já existira na Grécia uma literatura ampla e diversificada, que exerce influência até hoje em toda a cultura ocidental. A *Ilíada* e a *Odisséia* já eram conhecidas no século VI a. C, Platão escreveu seus

fascinantes Diálogos entre os séculos V e IV a. C, na mesma época do grande dramaturgo Esquilo, verdadeiro criador da tragédia grega. Que gramática eles consultaram? Nenhuma. Como puderam então escrever e falar tão bem sua língua?

A partir destas ideias observamos, claramente, que não precisamos saber gramática para escrevermos ou falarmos melhor. O uso da língua é um fenômeno natural que vai se moldando ao falante a partir de suas necessidades. “A Fala é a parte individual da Linguagem que é formada por um ato individual de caráter infinito. Para Saussure é um “ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 1995, p. 22).

Para Ferdinand Saussure a linguagem é social e individual; psíquica; psico fisiológica e física. Portanto, a fusão de Língua e Fala. Para ele, a Língua é definida como a parte social da linguagem e que só um indivíduo não é capaz de mudá-la. O linguista afirma que “a língua é um sistema supra individual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade”, portanto “a língua corresponde à parte essencial da linguagem e o indivíduo, sozinho, não pode criar nem modificar a língua” (COSTA, 2008, p.116).

São muitas a polêmica geradas por conta da variação linguística que cada indivíduo apresenta. Na obra de Marcos Bagno podemos acompanhar as várias concepções errôneas sobre a língua portuguesa. Bagno além de desfazer a confusão entre língua e gramática discorre sobre outros aspectos que causam dúvidas no falante, por exemplo, a norma culta. Costuma-se dizer que pessoas que não falem de forma “correta” ou que não apresentem a norma culta na fala serão pessoas sem sucesso, pessoas que não terão boas oportunidades de ascensão social. Mas essa regra parece ser válida apenas ao menos favorecidos financeiramente. Acompanhe a citação do autor.

Ora, se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que ele domina a norma culta. Só que a verdade está muito longe disso como bem sabemos nós, professores, a quem são pagos alguns dos salários mais obscenos de nossa sociedade. Por outro lado, um grande fazendeiro que tenha apenas alguns poucos anos de estudo primário, mas que seja dono de milhares de cabeças de gado, de indústrias agrícolas e detentor de grande influência política em sua região vai poder falar à vontade sua língua de “caipira”, com todas as formas sintáticas consideradas “erradas” pela gramática tradicional, porque ninguém vai se atrever a corrigir seu modo de falar. (BAGNO, 2015, p. 69).

Ou seja, o preconceito, neste caso, não é apenas linguístico, mas também político. Um cidadão do povo, com pouco estudo, sem acesso a um ensino de qualidade que traz em sua fala uma maneira simples pode ser visto como uma pessoa incapaz, alguém que mal sabe falar, um sem língua. Por outro lado, um grande latifundiário ou um empresário respeitado

pode se expressar da maneira mais coloquial possível, pode esquecer completamente a tal norma culta que está tudo bem. Como assim?

[...] muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, são objeto de avaliação negativa. Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma “correta” de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a de outras, o de que a fala “correta” é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas crenças insustentáveis produziram uma prática de mutilação cultural.³

Não se pode negar que ainda exista muito preconceito com a variedade linguística de cada um, mas felizmente, já percebemos mudanças por parte dos órgãos reguladores das instituições de ensino. Conseguimos encontrar nos livros didáticos, mais atuais, estudos da variação linguística. Em muitos destes conteúdos são abordadas as variações e as variantes de diversas regiões do país. Essa abordagem, além de desmitificar que há apenas uma maneira de falar, que todos falamos da mesma forma, e que principalmente que o certo é falarmos conforme as gramáticas, traz ao aluno um certo conforto com sua maneira de conversar. É muito comum um aluno vindo de outra cidade ou, principalmente de outro estado, trazer consigo marcas regionais na fala. Para aquele aluno que nunca saiu do seu estado quando tem o contato com as peculiaridades da variação pode, de início, causar certo estranhamento. O professor que está preparado para trabalhar a questão de variação linguística, um ensino de língua portuguesa que engloba a língua como um todo e não somente o que é ensinado nas gramáticas e principalmente a compreensão dos falares do português facilitaria o entendimento de outros alunos, as possíveis diferença de fala não seriam algo tão novo e não causaria a estranheza ou até mesmo o *bulling* dentro de sala de aula.

4 ABORDAR A VARIAÇÃO EM SALA DE AULA É PRECISO

Carlos Alberto Faraco, no livro *Pedagogia da Variação Linguística*, faz uma reflexão crítica sobre a realidade sociolinguística do português do Brasil. Ele afirma que não podemos generalizar quando o assunto é sobre variação. Faraco discorre sobre um discurso que afirma que a variação linguística deva estar presente nas diretrizes educacionais da educação básica,

³ BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais, Língua Portuguesa, 5ª a 8ª séries, 1998, p. 31.

mas o que vemos nos livros didáticos não é nada do esperado. O tratamento que é dado ao tema, ainda, é muito superficial. Na maioria das vezes a variação linguística é apresentada um tanto estereotipada e os livros didáticos deixam de fora a variação social que é, de fato, a verdadeira questão a ser enfrentada.

É objetivo da pedagogia culturalmente sensível criar em sala de aula ambientes de aprendizagem onde se desenvolvam padrões de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas presentes na cultura dos alunos. Tal ajustamento nos processos interacionais é facilitador da transmissão do conhecimento, na medida em que se ativam nos educandos processos cognitivos associados aos processos sociais que lhes são familiares (BORTONI, 2005, p. 128).

Fala-se muito sobre inclusão social nos dias atuais. Estatutos foram formulados para que nenhuma criança ou adolescente ficasse fora da escola por causa de suas limitações. Vemos, diariamente, campanhas para conscientizar as pessoas que todos somos iguais, independente das diferenças físicas, étnicas ou religiosas. Ora, se somos todos iguais, se somos todos falante do mesmo idioma, se todos temos os mesmos direitos perante a sociedade por que essa “disputa” acerca da língua? Por que nas escolas, entre os professores, não é disseminado o estudo da variação linguística da língua portuguesa. Por que muitos alunos que vêm de regiões nordestinas são discriminados, estudantes de áreas rurais sofrem por trazerem na fala marcas regionais peculiares? Se nossos alunos são formatados a aceitar as diferenças físicas, psicológicas ou sociais de seus colegas, por que não são educados para que entendam e aceitem a variação linguística de cada indivíduo?

Lucia F. Mendonça (UFJF), também expõe sua opinião em um capítulo do livro de Faraco e traz reflexões importantes sobre o tema. Ela nos questiona se ainda é possível fazer-se ouvir essas vozes caladas pela escola. Será que é possível reconstruir a autoestima de alunos calados pelo poder do professor, alunos esses que sentem-se incapazes de expressar-se de maneira natural, sem ter que preocupar-se se está falando de forma adequada, ou não.

Neste, quase desabafo, Lucia Mendonça, cita palavras de Paulo Freire, sustentando seu discurso pedagógico em busca do que chamou de pedagogia libertária, traz à reflexão a necessidade de dar voz aos alunos. Ouvi-los significa: “[...] captar a linguagem deles e, necessariamente, seus temas, que vêm através de suas palavras e de sua sintaxe. É claro, exatamente porque a linguagem é um problema de classe social” (FREIRE, 2011, p. 245).

Ela também lembra-nos que esta questão já vem sendo discutida desde o início do século XX por Bakthin. Bakthin (1979) afirma que o homem se constitui pela linguagem e aponta que a palavra é material privilegiado da comunicação cotidiana, que é vinculada a uma

esfera ideológica particular. É preciso que o homem tenha a palavra, que lhe seja permitido se expressar, mesmo que seja no seu dialeto desprestigiado.

Bortoni Ricardo (2004) sugere que, na escola, se trabalhe também com os outros dois contínuos, os de oralidade/letramento e o de monitoração estilística que, juntamente com o de urbanização, explicam a existência das diferentes linguísticas nos português brasileiro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que apresentamos é uma abordagem bem sucinta sobre a variação da língua portuguesa. Uma forma de questionarmos nossa capacidade de aceitar que não sabemos nem podemos saber tudo. Talvez consigamos, por meio de estudo e, principalmente, por meio da conscientização entender que mesmo falantes de uma mesma língua não dá pra generalizar a língua portuguesa, nem no Brasil muito menos ao redor do mundo com as comunidades lusófonas existentes.

Cada indivíduo traz consigo uma bagagem cultural e familiar que lhe é única. Cada um de nós desenvolvemos nossas capacidades dependendo das necessidades que nos são atribuídas. Temos dentro de um mesmo padrão de linguagem peculiaridades e especificidades próprias. A língua é um fenômeno heterogêneo que suporta uma grande variação e está em constante mudança.

Cabe a cada um de nós, entender e aceitar, pois, a variação linguística é uma realidade da língua portuguesa e não deve ser tratada como um desvio da norma. Da mesma forma que somos instruídos a aceitar as diferenças físicas e possibilitar a acessibilidade, devemos ser capazes de aceitar as diferenças dialetais de cada indivíduo.

Para finalizar deixaremos um trecho do livro de Cereja & Magalhães como uma breve reflexão sobre a estereotipia da língua. Uma fala caricata atribuída ao modo baiano de falar. Reflita sobre o texto. Será que estamos valorizando nossa realidade linguística adequadamente?

Ô meu rei...(descanso) Isso é um assalto...(mais descanso) levanta os braços, mas não se avexe não... (outro descanso) Se num quiser nem precisa ficar cansado... Vais passando a grana, bem devagarinho... Num repara se o berro está sem bala, mas é pra não ficar muito pesado. Não esquenta, meu irmãozinho (descanso), vou deixar teus documentos na encruzilhada (Cereja; Magalhães, 2005, p. 20)

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo : HUCITEC , 1979.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. 56 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BASSO, Renato; ILARI, Rodolfo. **O Português da Gente, a língua que estudamos - a língua que falamos**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português, Linguagens: volume 1** 7ª ed. Reform. São Paulo: Saraiva, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo, As ideias linguística do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN (2008), J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**. São Paulo: Contexto 2007.

ZILLES, Ana Maria. **Estudos da Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2005.

ZILLES, Ana Maria; FARACO, Carlos Alberto. **Pedagogia da Variação Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

